

# A DESCONSTRUÇÃO FACTUAL EM *O MEZ DA GRIPPE DE VALÊNCIO XAVIER*

*Evanir Pavloski*<sup>1</sup>

O que vem a ser a verdade? Em assuntos religiosos, não passa da opinião que prevaleceu. No campo da ciência é a última novidade. No plano da arte, é a mais recente atitude do espírito. **Oscar Wilde**

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar uma análise das diferentes visões interpretativas da história que se entrelaçam na novela *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. Com base no estudo topológico do discurso desenvolvido por Hayden White e nas conflituosas relações entre a historiografia e outros modelos de registro, pretendemos demonstrar os aspectos subjetivos envolvidos nas práticas discursivas, desmitificando os conceitos tradicionais de fato e verdade. No decorrer do trabalho, analisaremos diversos tipos de textos que focam sobre o mesmo momento da história, evidenciando a inconsistência de um discurso unívoco e dogmático. Finalmente, discutiremos a proposta argumentativa implícita na própria obra, a qual confirma a existência de um olhar crítico que não só distribui de forma organizada os múltiplos textos que compõem a novela, mas também define as bases de um discurso particular marcado pela problematização do estudo e registro de eventos históricos.

**Palavras-chave:** Discurso; Fato; Inconsistência; Verdade .

## ABSTRACT

The aim of this work is to present an analysis of the different interpretative visions of History that are interwoven in the novelette *O mez da gripe* written by Valêncio Xavier. Based on the discourse's topological study performed by Hayden White and the conflicting relations between the historiography and other models of records, we intend to show the subjective aspects involved in the discursive practices, debunking the myths around the traditional concepts of fact and truth. As we proceed, we will analyze diverse types of texts that focus on the same historical moment, revealing the inconsistency of a sole and dogmatic discourse. Finally, we will discuss the argumentative proposal implicit in the literary work, which confirms the existence of a critical attitude that not only distributes in an organized way the various texts that compose the novelette, but also defines the basis for a specific discourse marked by the questioning of the study and documentation of historic events.

**Key words:** Discourse; Fact; Inconsistency; Truth.

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Português-Inglês, Licenciatura. Mestre e Doutorando pela Universidade Federal do Paraná. Professor das disciplinas de Literatura Portuguesa e Literatura Inglesa das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba. C-eletrônico: [evanir.cwb@bol.com.br](mailto:evanir.cwb@bol.com.br).

## 1 INTRODUÇÃO

As reflexões sobre a possibilidade de estabelecer limites rígidos entre a história e a ficção ou de privilegiar uma das duas formas de interpretação da realidade são tão antigas quanto presentes. Desde a teoria aristotélica, aspectos inerentes ao texto histórico e ao texto ficcional, como a linguagem e o ponto de vista autoral, têm servido como base para teorizações que visam ora delimitar objetivamente os campos de estudo de cada área, ora conceituá-las como complementares no processo de registro e desvendamento do passado. Poderíamos citar exemplos como a estética literária dos escritos históricos humanistas no século XV, a história positivista do século XIX contrastada pela subjetividade romântica do mesmo período, a ascensão do romance histórico, desde Sir Walter Scott e a relativização da chamada história documental.

Tais discussões configuram um movimento dialético no qual dois elementos complementares parecem assumir uma posição central: a escritura do texto e o discurso implícito nele.

Sobre o primeiro deles Hayden White afirma que:

Antes da Revolução Francesa, a historiografia era considerada convencionalmente uma arte literária [...] O século XVIII foi fértil em obras que distinguem entre, de um lado, o estudo da história e, de outro, a escrita da história. A escrita era um exercício literário, especificamente retórico, e o produto desse exercício devia ser avaliado tanto segundo princípios literários quanto científicos (WHITE, 2001, p. 139).

Assim, uma vertente de análise formalista parece delimitar os espaços entre a historiografia e a escrita literária. Contudo, a distinção formal entre texto científico e texto estético-ficcional pode ser tomada como íntegra e definitiva? Pode o uso da subjetividade ser desvinculada da produção de qualquer texto? Pensemos agora sobre a escolha dos temas a serem abordados, a determinação dos recortes temporais a serem discutidos e o preenchimento de lacunas propiciadas pela complexidade do estudo da história. Tais elementos não correspondem a aspectos subjetivos também presentes no trabalho do ficcionista? E, finalmente, qual a influência exercida por princípios ideológicos e representações pré-concebidas da realidade na composição geral do texto, seja ele científico ou literário?

Tais questionamentos parecem conduzir a uma relação de condicionamento e justificação entre o construto verbal e o discurso gerador que o define. Se por um lado, a escritura do texto é orientada por práticas e modelos discursivos, por outro, o resultado da elaboração textual serve freqüentemente como instrumento de legitimação dos paradigmas interpretativos utilizados. Como salienta Michel Foucault, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Ao analisar as práticas discursivas nas ciências humanas, com especial atenção ao estudo da história, Hayden White enfatiza a inevitável presença de elementos da consciência do autor na construção do texto. Tal intromissão decorre do esforço de cada indivíduo ao tentar organizar a realidade caótica na qual estão imersos em um todo coerente e, em alguns casos, científico. “Nosso discurso sempre tende a escapar dos nossos dados e voltar-se para as estruturas da consciência com que estamos tentando apreendê-los; ou, o que dá no mesmo, os dados sempre obstam a coerência da imagem que estamos tentando formar deles” (WHITE, 2001, p. 13).

---

**A arte literária utiliza a subjetividade como mecanismo de apreensão e representação da realidade e pode, em diversos casos, empreender uma discussão crítica de eventos históricos segundo sua própria perspectiva ideológica e estética.**

---

Assim, a dificuldade de compreender e condensar aspectos múltiplos da realidade em um construto verbal redundante na utilização de recursos subjetivos que podem ser apreendidos na escritura do texto como reflexos da linha discursiva assumida pelo autor. A esse processo White atribui a designação de *trópico*. “Trópico é a sombra da qual todo discurso realista tenta fugir. Entretanto, esta fuga é inútil, pois trópico é o processo pelo qual todo discurso constitui os objetos que ele apenas pretende descrever realisticamente e analisar objetivamente” (WHITE, 2001, p. 14) [grifo do autor].

Dessa forma, a análise tropológica de White demonstra a impossibilidade prática de um ideal de objetividade plena na composição de textos que visam a interpretação, tanto sincrônica quanto diacrônica, das sociedades históricas. De maneira

semelhante, a arte literária utiliza a subjetividade como mecanismo de apreensão e representação da realidade<sup>2</sup> e pode, em diversos casos, empreender uma discussão crítica de eventos históricos segundo sua própria perspectiva ideológica e estética. Os rígidos limites entre história e ficção parecem se dissolver ao nível discursivo e composicional dos textos.

Contudo, a chamada história factual em seu constante apelo ao cientificismo do século XIX conserva um discurso positivista centrado na análise supostamente direta e imparcial de seu objeto de estudo: o fato histórico. Diante desse posicionamento tradicional, uma parcela considerável da literatura produzida no século XX questiona e problematiza a visão dogmática assumida por grupos de historiadores que caracterizam os eventos e seus respectivos registros como elementos indissociáveis e inquestionáveis. Como salienta Eliana Yunes: “o conhecimento como uma estrutura livre de ambigüidades, sem opacidades, reduzido a uma universalidade e univocidade, pretensamente científicas, apropriado à instrumentalização, ignora as diferenças de seus usuários, os contextos e condições de produção” (YUNES, 2002, p. 23).

Assim, o positivismo histórico vem sendo cada vez mais contestado quanto ao seu ideal de interpretação unívoca dos acontecimentos, causando uma proliferação de novos discursos que incluem novas orientações de gênero, raça e classe social anteriormente desprezadas pela narrativa histórica oficial. Dentro dessa ampliação de horizontes, o conceito tradicionalmente sólido do que seria factual passa a ser visto como discursivo e parcial, sendo, portanto, passível de diferentes interpretações. Maria Izilda de Matos afirma que a progressiva conscientização da pluralidade interpretativa intrínseca aos estudos da história gera uma expectativa quanto à formação de novos paradigmas de análise. Segundo a autora, “essa expectativa alia-se à pluralidade de possibilidades de olhares sobre o passado – mostrando que este pode ser desvendado a partir de múltiplas questões” (MATOS, 1998, p. 68).

É preciso salientar, entretanto, que não nos referimos somente aos conceitos fluídos de veracidade dos fatos e fidelidade dos registros, mas também a arbitrariedade e às conseqüentes limitações das próprias definições tradicionais de fato e registro. Um evento possui existência material ou sua gênese somente se dá por meio de um impulso interpretativo e discursivo? A memória, a cultura popular, o jornalismo e a literatura não carregam em si marcas aparentes de historicidade que devem ser avaliadas como formas legítimas de registro histórico?

Valêncio Xavier, escritor paulista radicado em Curitiba, transfere esses questionamentos para sua novela *O mez da gripe*, possibilitando reflexões sobre a multiplicidade de visões de um momento histórico determinado, evidenciando as particularidades discursivas, subjetivas e estéticas envolvidas na composição de textos valorizados ou não como registros factuais e problematizando o tradicionalismo positivista de certas vertentes do estudo da história.

Primeiramente, devemos analisar a pertinência da organização da obra na forma de uma novela, uma vez que tal característica parece colaborar sobremaneira para o efeito narrativo e temático do texto.

Segundo Massaud Moisés, a novela

constitui-se de uma série de unidades ou células dramáticas encadeadas e portadoras de começo, meio e fim. De onde semelhar uma feira de contos enlaçados. Todavia, cada unidade não é autônoma: a sua fisionomia própria resulta de participar de um conjunto de tal forma que, separada dela, não tem razão de ser. Por outro lado, a retirada de uma das parcelas acabaria comprometendo a progressão em que se inscreve (MOISÉS, 2001, p. 363).

Dentro desse arquétipo textual, Valêncio distribui ao longo das setenta e nove páginas da obra diversos fragmentos narrativos, pertencentes a diferentes enredos, que se alternam e se entrecruzam sob o pano de fundo de um ano particularmente conturbado, tanto nas divisas municipais e nacionais quanto nas trincheiras internacionais. Poderíamos identificar na obra pelo menos cinco linhas narrativas, das quais uma seria a principal e descreveria o avanço do surto de gripe espanhola em Curitiba em 1918. As outras quatro - ligadas à primeira pela simultaneidade ou pela causalidade - descrevem a repercussão no Brasil da grande primeira guerra e as ações de personagens como um louco, um estuprador e uma testemunha da epidemia que, cinquenta e oito anos depois, tenta recuperar as suas memórias.

Além disso, a inclusão de inúmeros textos originais de 1918 contribui para a construção do panorama da época, estabelecendo relações com os fragmentos narrativos ao longo do texto e revelando o impacto não só da enfermidade, mas também do conflito internacional sobre a sociedade da capital paranaense.

Assim, a fragmentação narrativa característica da novela espelha a multiplicidade de vozes, versões e fontes históricas que problematiza um estudo de cunho positivista de eventos do passado. Esse procedimento acaba por criar um caleidoscópio interpretativo que desqualifica a busca de quimeras como “as verdades absolutas” ou “os fatos inegáveis”. Assim, a história perde o seu status dogmático e se fragmenta em múltiplas perspectivas analíticas que

---

<sup>2</sup> Diversos autores escreveram sobre o processo de criação literária, analisando especificamente a dificuldade característica da representação mimética. Podemos citar no século XX, dentre muitos outros nomes, Henry James, Virginia Woolf, Aldous Huxley e E. M. Forster. Huxley, por exemplo, afirma que “o artista dá ordem ao mundo em termos de ‘forma significante’. O que é tentar perceber as formas inerentes à natureza, e encontrar uma equivalência simbólica para essas formas, que ele então impõe ao mundo a fim de produzir a ordem que sente ser tão importante, e que, na verdade, todos julgamos ser muito importante” (HUXLEY, 1977, p. 164).

partem do mesmo ponto, mas que seguem caminhos distintos. Como salienta Eliana Yunes, “no conjunto, o que se coloca em relevo é uma crítica às noções de conhecimento objetivo e de um sujeito que se pretende capaz de conhecer sem se conhecer. Uma representação dos fatos é uma hipótese ou uma versão” (YUNES, 2002, p. 23).

Em *O mez da gripe* podemos perceber seis formas diferenciadas de registro histórico: os textos jornalísticos, os relatórios governamentais, a estatística, a memória, a propaganda e a literatura. Esses seis modelos de preservação da história são colocados lado a lado e constantemente confrontados como forma de avaliar o grau de subjetivação e condicionamento discursivo a que estão sujeitos<sup>3</sup>. Vejamos cada um deles separadamente.

O jornalismo sempre carregou consigo os ideais de independência e imparcialidade na exposição dos fatos. Contudo, se a própria noção de factual é passível de críticas e contestações devido à sua essência fugaz e à sua transposição subjetiva ao nível discursivo, pode a representação textual de um evento estar completamente isenta da influência de aspectos sociais, ideológicos e políticos do meio onde ela foi gerada? A própria decisão dos acontecimentos que merecem maior ou menor destaque não corresponde a um julgamento de valores essencialmente parcial?

Dessa forma, os textos jornalísticos não podem ser definidos apenas como veículos informativos da história, mas como agentes constituintes do processo histórico em si. O jornalismo, assim como a literatura, não representa fielmente a realidade. Ele reconstrói a realidade por meio de signos, adaptando-a ao trópico discursivo que lhe convém, uma vez que, como postula Hayden White, “o intuito do discurso é *constituir* o terreno onde se pode decidir *o que contará como um fato* na matéria em consideração e determinar qual o *modo de compreensão* mais adequado ao entendimento dos fatos assim constituídos” (WHITE, 2001, p. 16) [grifo do autor].

Valêncio Xavier introduz em sua obra manchetes de dois jornais curitibanos em atividade durante a crise epidêmica: O *Commercio do Paraná* e o *Diário da Tarde*. Contudo, os dois órgãos de imprensa analisam os acontecimentos e informam a população de maneiras bastante distintas, quando não opostas.

Primeiramente, o distanciamento entre a ênfase dada por cada um dos jornais ao alastramento e gravidade da gripe na cidade é indiscutível. Percebe-se um compromisso ideológico e, possivelmente, político orientando a organização dos discursos transformados em manchetes pelos dois periódicos. Assim, um processo de seleção, omissão, censura e destaque de informações a serem publicadas se torna aparente pela justaposição das notícias diárias expostas nas bancas.

#### NÓS E A “INFLUENZA”

A nossa edição de hontem saiu muito aquem da expectativa, devido a uma interrupção inesperada do trabalho em consequência de terem adoecido operários da secção de composição, obrigando-nos assim ao sacrificio de materia redactorial cuja inserção foi absolutamente impossivel.

Esse facto suscitou hontem em certas rodas, commentarios ironicos em torno da nossa attitude em relação á epidemia de “gripe espanhola”, dizendo-se abertamente que a molestia invadira a nossa tenda para obrigar-nos á uma formal retratação.

Não obstante, continuamos firmes em nossa attitude pela razão de não ter sido de “gripe espanhola” verificado ainda um só caso n’esta capital, tratando-se de simples gripe, aliás commum na estação que atravessamos, os casos de doenças existentes.

#### COMMERCIO DO PARANÁ

(...)

#### A GRIPPE

Embora a censura policial tivesse varrido do noticiário da imprensa a relação dos fatos verificados, com relação á epidemia, o nosso dever profissional nos força a sahir do mutismo em que nos encontravamos nesse sentido e vir dizer ao povo que todo esse preparativo que se faz não é apenas para evitar que o mal chegue até nos, mas sim para dar combate á enfermidade que já nos atingiu.

#### DIÁRIO DA TARDE

(XAVIER, 2002, p. 24, 33).

<sup>3</sup> É interessante notar também a inserção de elementos que não são comumente valorizados como expressões objetivas da análise histórica como a literatura e a memória. Tal aspecto parece recuperar as reflexões de Michel Foucault em sua discussão sobre a genealogia e a história, a partir das idéias de Nietzsche: “daí para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda a sua finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos, e até definir o ponto de sua lacuna, o momento em que eles não aconteceram” (FOUCAULT, 2005, p. 15).

Não objetivamos aqui investigar de que lado a verdade histórica está concentrada – caso tal conceito deva e possa ser perseguido. Nossa ênfase recai sobre a caracterização de ambos os discursos como visões distintas de um mesmo momento da história, aspecto que relativiza o registro imparcial dos fatos e a construção de uma narrativa historiográfica oficial e unívoca.

Esta folha sempre se manteve numa atitude de calma solicitude ante os interesses publicos, abstendo-se de dar noticias que pudessem levar terror á nossa população...

COMMERCIO DO PARANÁ

A MORTANDADE CRESCE

Hoje, até ás duas horas da tarde foram registrados no Cartorio da Praça Tiradentes, 22 obitos, sendo 16 causados pelo mal reinante.

DIÁRIO DA TARDE

(XAVIER, 2002, p. 51).

---

**A elaboração aparente de uma linha discursiva adotada pelos respectivos jornais – e tal aspecto pode ser estendido a outras formas de registro histórico – acaba pluralizando o ideal de verdade e distribuindo-o dentre as múltiplas interpretações da realidade.**

---

A elaboração aparente de uma linha discursiva adotada pelos respectivos jornais – e tal aspecto pode ser estendido a outras formas de registro histórico – acaba pluralizando o ideal de verdade e distribuindo-o dentre as múltiplas interpretações da realidade.

Diante de uma ameaça à saúde pública, o governo estabelecido, através de seus vários organismos, não poderia deixar de registrar sua marca nos anais da história. Por meio de pronunciamentos, relatórios e campanhas educativas a administração da cidade acaba por formar um grupo consistente de documentos históricos que, para alguns estudiosos, representam a fonte mais confiável de registro. Entretanto, a composição desses textos é mediada por aspectos de ordem política, pragmática e profilática, evidenciando o direcionamento discursivo dado à interpretação dos eventos. Se por um lado existe a necessidade de informar e aconselhar a população, por outro, existe a preocupação em se evitar o pânico e a perturbação da ordem. Assim, os textos se mostram superficiais e inconclusivos no tocante ao verdadeiro âmbito da propagação da doença na cidade ao longo dos três últimos meses de 1918. Medidas de controle dos focos epidêmicos e de prevenção do contágio assumem o primeiro plano nos registros oficiais.

CONSELHO

ACONSELHAMOS AOS HABITANTES DE CORITIBA QUE NÃO SE VISITEM MESMO QUE NÃO HAJA MOLESTIA NAS CASAS QUE PRETENDEREM FREQUENTAR, ATÉ QUE TERMINE A EPIDEMIA NO RIO DE JANEIRO; BEM COMO QUE NÃO CONCORRAM AOS LOGARES ONDE HOVER AGGLOMERAÇÕES DE PESSOAS.

SR. DR. TRAJANO REIS

DIRECTOR DO SERVIÇO SANITARIO DO ESTADO

22/10/1918

(...)

DECRETO Nº 132

O PREFEITO MUNICIPAL DA CAPITAL, TENDO EM VISTA QUE AS DIRECTORIAS DE SERVIÇOS SANITARIOS DA CAPITAL DE SÃO PAULO E DESTE ESTADO, BEM COMO DA CAPITAL FEDERAL, ACONSELHAM INSISTENTEMENTE QUE SE EVITE AGGLOMERAÇÃO, PRINCIPALMENTE Á NOITE, AFIM DE IMPEDIR A PROPAGAÇÃO DA “GRIPPE ESPANHOLA”, EPIDEMIA ORA REINANTE EM DIVERSAS CAPITAIS DO PAIZ (...)

CURYTIBA, 24 DE OUTUBRO DE 1918

(XAVIER, 2002, p. 18, 21).

Os cuidados assumidos pelos órgãos governamentais na divulgação dos acontecimentos relativos à epidemia de gripe podem ser percebidos também na ação restritiva a determinados veículos de comunicação, especificamente o jornal Diário da Tarde:

Contra esse injustificado interesse das autoridades sanitarias, de ocultar a verdadeira situação, foi que, em termos claros, não em entrelinhas nos manifestamos ante-hontem, pois que, quasi sem homens para o trabalho, vendo hora a hora cahirem os nossos companheiros enfermos, reconhecendo que outra cousa não era sinão essa epidemia que já se estende por todo o Brasil, não nos era possivel descuidar da nossa própria vida, achando razão nas declarações de que em Coritiba não há epidemia.

DIÁRIO DA TARDE

(XAVIER, 2002, p. 39).

Entretanto, um dos funcionários do Estado, em pronunciamentos extra-oficiais, revela uma outra perspectiva dos eventos que marcaram o final do ano de 1918. Dessa forma, a história testemunhal, na forma de relatórios pessoais, problematiza o discurso oficial e relativiza a integridade dos fatos a partir da multiplicidade de fontes das quais os dados podem ser colhidos.

Começou o mez de Novembro com um obito por grippe, no dia primeiro. Dahi em diante, o mal tomou proporções assustadoras, espalhou-se de modo aterrador, invadiu, por assim dizer, todas as casas, todas as classes sociaes.

(...)

No dia em que não houve caixões para serem transportados os cadaveres, mandei-os fabricar e, quando faltaram animaes para conduzir os carros funebres, mandei-os alugar pelo preço pedido, para que não ficassem inseultos os infelizes fallecidos.

(...)

Quando de fadiga não puderam os coveiros abrir sepulturas, mandei gratificar a outros indivíduos para que as fizessem, de modo a evitar a decomposição dos cadaveres.

Relatório do Sr. Dr. Trajano Reis,

Director do Serviço Sanitário.

(XAVIER, 2002, p. 39, 53, 61).

Contudo, a obra de Valêncio rompe com uma possível visão maniqueísta do leitor em relação aos modelos de registro histórico. O texto não cria uma simples oposição entre aqueles que expõe a verdade em sua completude e aqueles que omitem arbitrariamente certos acontecimentos. A novela desconstrói a noção de um discurso histórico isento de elementos de subjetividade, ideologia, pragmatismo e criatividade, uma vez que tais características são justamente aquelas que o definem como um discurso.

Dentro dessa proposta de discussão, um outro tipo de documento histórico é apresentado como instrumento de crítica a visões pré-concebidas da própria história e de seus múltiplos registros: os relatórios estatísticos. Devido a sua íntima relação com a matemática, a estatística é entendida automaticamente como um ramo das ciências naturais, assumindo um caráter positivista digno de inveja a muitos historiadores do século XIX. Supostamente, a frieza dos números e a aparente precisão dos resultados não abririam espaço para subjetivismos e partidarismos.

Entretanto, não só o processo pelo qual tais resultados são obtidos, mas também as possíveis interpretações dos mesmos, podem sofrer questionamentos quanto aos respectivos graus de objetividade e imparcialidade. Assim, os parâmetros para a coleta de dados, os grupos sociais analisados, as fontes de informações, as taxas de amostragem são elementos inerentes ao estudo estatístico passíveis de serem influenciados por aspectos externos aos simples cálculos numéricos.

Em *O mez da gripe*, a estatística desenvolve um papel ambivalente quando comparada a outras formas de registro histórico. Primeiramente, os resultados apresentados pelo serviço sanitário de Curitiba diferem daqueles divulgados pela imprensa, especificamente pelo jornal Diário da Tarde, uma vez que a quantidade de vítimas fatais da epidemia em novembro de 1918 se mostra maior no documento oficial. Enquanto o periódico informa a ocorrência de 288 óbitos causados pela gripe, o relatório estatístico aponta para um número total de 295 falecimentos. Tal diferença desestrutura uma possível visão glorificadora do jornalismo como veículo de propagação dos “verdadeiros fatos”, a qual poderia ser justificada pelas acusações de censura e omissão levantadas pelo jornal contra setores do governo municipal. Como afirmamos anteriormente, não se trata de definir qual dos dois resultados mais se aproxima do número exato de mortos, mas demonstrar que a idealização de uma fonte histórica baseada em aparentes compromissos ideológicos pode ser muitas vezes enganosa.

Além disso, é interessante perceber que ao contrapormos os números oficiais ao discurso memorialista de uma testemunha ocular da epidemia a disparidade quantitativa parece ser ainda maior.

Os primeiros mortos tinham mortalha, eu mesma costurei algumas. Depois era de qualquer jeito, faltou até caixão. Vinham buscar os mortos, antes de enterrar tiravam do caixão pra servir para outro.

(...)

Como saber quantos morreram? O governo não ia dizer o número verdadeiro de mortos para não alarmar. Até hoje ninguém sabe ao certo.

*DONA LÚCIA - 1976*

(XAVIER, 2002, p. 33, 39).

Contudo, qual o papel da memória enquanto registro histórico? Até que ponto a severidade do tempo pode distorcer e rearticular as lembranças de um determinado evento? Se por um lado, a história positivista pode ser contestada a partir de aspectos subjetivos inerentes ao seu discurso, por outro, os relatos memorialistas podem receber críticas em relação ao seu grau de objetividade. Eliana Yunes salienta que “ao perdermos de vista as sensações do momento, damos início a um esquema de associações que terminam por se fundir num certo amálgama com outras imagens” (YUNES, 2002, p. 28).

Ao tomarmos os relatos testemunhais como fontes de dados devemos considerar aspectos particulares como classe social, faixa etária e vinculação político-ideológica. Ao discutir certos postulados bakhtinianos, a autora citada acima sublinha a importância da caracterização do indivíduo ao afirmar que a polifonia de vozes, conceito essencial para a análise histórica segundo o teórico russo,

Corresponde à sugestiva diversidade de pontos de vista presente nas situações vividas (mas não só), em que os indivíduos agem e falam de um lugar definido histórica e socialmente; eles são sempre diversos por conta de suas vivências e interesses, quando não submetidos às padronizações de comportamento e pensamento massivos (YUNES, 2002, p. 19).

Tal preocupação metodológica, a qual, como vimos, pode ser estendida a outros modelos discursivos de preservação histórica, reafirma a íntima conexão entre memória e identidade. “A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados” (VELHO, 1988, p. 124).

Relembrar é um dos diversos mecanismos de constituição subjetiva do indivíduo e de ilustração da imagem que este possui de si mesmo. Como sustenta Yunes, “no caso da *rememoração*, conta o próprio passado e suas marcas, donde o exercício favorece a reconstituição, mesmo imaginária, da vivência do indivíduo que dela necessita para *tornar-se sujeito*. A *subjetividade*, como se verá, é um exercício lento e gradual de constituição” (YUNES, 2002, p. 28) [grifo da autora].

Uma relação tão íntima entre memória, subjetividade e identidade, aliada às lacunas que o fluxo do tempo provoca na capacidade de rememoração dos sujeitos, problematiza o discurso memorialista, incluindo-o no caleidoscópio de visões e versões que parecem compor o estudo da história.

Na novela de Valêncio Xavier, a memória colabora na recuperação dos eventos relacionados à epidemia de 1918. Cinquenta e oito anos depois, Dona Lúcia, uma testemunha e vítima da propagação da moléstia na capital paranaense, revisita e retransmite suas lembranças daqueles conturbados meses. Como afirmamos anteriormente, sua voz se contrapõe, por exemplo, aos relatórios oficiais do serviço sanitário e a certas notícias divulgadas pelos órgãos de imprensa, uma vez que o panorama da época construído por Dona Lúcia apresenta um aspecto trágico muito mais acentuado.

Contudo, o autor reconhece a fragilidade das reminiscências diante da sucessão de dias, meses e anos, demonstrando o grau de fluidez e de indeterminação que as recordações podem assumir quando recuperadas. Dessa forma, os depoimentos proporcionados pela memória transitam livremente pela subjetividade, pelas contradições, pela imaginação, pelo ressentimento e pela comoção, constituindo uma interpretação diacrônica múltipla e fragmentada dos acontecimentos da época. Ao buscar suas recordações, Dona Lúcia apresenta relatos distintos e inconciliáveis que parecem corresponder a visões opostas de duas pessoas sobre o mesmo acontecimento. Assim, a multiplicidade de fragmentos que compõe a memória da personagem espelha a polifonia de vozes que coexistem no estudo da história e de seus anais. Tal característica fica evidenciada quando Dona Lúcia se refere ao destino de um casal de imigrantes alemães vitimado pela gripe espanhola e, possivelmente, por um ato de violência sexual cometido durante o período de convalescença:

Morava um casal de alemães, a mulher alta, loira, muito bonita. Clara, isso, seu nome era Clara. Não recebiam muita visita, não se davam com a gente do bairro. Os dois caíram com a gripe, ninguém notou. Imagine os dois, um num quarto, outro no outro, sofrendo sem assistência. Passaram muitos dias até que um vizinha lá entrou e encontrou os dois...

(...)

...Não, não estavam mortos, não, mas quase. Tiveram que levar os dois para o hospital.

(...)

Ela, a mulher, nunca mais ficou com o juízo perfeito. Passava uns tempos boa, teve até um filho, criança linda. De repente, dava assim como uma tristeza nela, saía a andar sozinha pelas ruas, sempre com um vidrinho de veneno nas mãos. Nunca largava o veneno, mesmo quando estava normal, alegre com o marido e com o filho...

(...)

...até que, um dia, tomou o veneno na rua, morreu, acharam ela já morta. Foi muito tempo depois, acho que foi lá por 30.

(...)

Moça bonita, solteira. Morreu na gripe. Não resistiu a febre forte. Muito branca, alta, cabelo loiro bem comprido. Morreu na gripe.

(...)

Não, ela morreu na gripe. O marido se salvou, mas ela morreu. Vi o corpo, bonita, muito branca, cabelo branco de tão loiro, mortalha branca.

(...)

Não, na época ela era não casada. Moça bonita, solteira. Muito branca, loira. Casou, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça. Tinha períodos de lucidez, casou depois da gripe, teve filhos, mas nunca mais ficou certa da cabeça.

(XAVIER, 2002, p. 43, 47, 66, 75, 76).

Como pudemos verificar até aqui, o retrato de um período da história pode ser formado por meio de diferentes perspectivas, ênfases e linguagens. Indubitavelmente, o século XX trouxe consigo o desenvolvimento e a especialização de uma das formas de discurso mais presentes na vida diária da população: o discurso publicitário. Ultrapassando os limites do simples atendimento de demanda, a propaganda atualmente não apenas movimenta a economia criando diversos tipos de demanda, mas também registra padrões de pensamento e de comportamento que colaboram na caracterização de um momento histórico.

No caso de um período no qual a saúde pública se mostra ameaçada, os textos publicitários surgem como uma resposta às aparentes necessidades da população. Assim, em 1918 a gripe espanhola impulsiona a venda de produtos medicinais e profiláticos, os quais revelam os procedimentos médicos e preventivos praticados na época. Podemos citar como exemplos, a prescrição de xaropes para a tosse no tratamento de pacientes da gripe<sup>4</sup> e o uso de desinfetantes como medida de diminuição dos riscos de contágio. Tais medidas evidenciam o desconhecimento geral sobre a gravidade da doença e de suas formas de contaminação, aspectos de visível relevância para o estudo da história.

Além disso, a lei de oferta e procura é sempre influenciada pelos eventos que caracterizam um período, de forma que a mortandade crescente na cidade aquece o comércio de certos produtos, como por exemplo, caixões, decorações funerárias e tecidos para confecção de mortalhas e vestuário próprio para o luto.

Finalmente, a literatura desponta como um último mecanismo de relativização das “verdades” históricas dentro do amplo instrumental de Valêncio Xavier. Entretanto, nossa proposta de análise exige que a discussão do papel da arte literária na obra siga duas linhas argumentativas. A primeira delas se concentra no nível intratextual e na apresentação de excertos de poemas e canções por parte do autor como registros históricos. A segunda focaliza a própria constituição da novela *O mez da gripe* como um objeto estético, ao mesmo tempo, constituinte e problematizador da história.

Ao longo das múltiplas narrativas que se entrelaçam na obra, o autor insere textos poéticos que representam uma visão particular da epidemia que assolou a capital paranaense. Dessa forma, o lirismo e a ironia dos menestréis locais rearticulam a linguagem para fins estéticos e revestem os acontecimentos com a sensibilidade própria do poeta.

---

<sup>4</sup> Ver anexo 04.



A SEMANA RIMADA

“La influenza española”

Esso todo, la gran grita,

No tiene casi que nada

No passa, cosa esquisita!

De una...grande españolada

Jeca Rabecão<sup>5</sup>

(...)

A bruma, a nevoa, a gripe.

8/11/18

JAIME BALLÃO JUNIOR<sup>6</sup> – Caderno de um grippado

(XAVIER, 2002, p. 14, 45).

A literatura também é apresentada como veículo de crítica e contestação de certos procedimentos institucionais assumidos diante do avanço da gripe. Da mesma maneira que outros pontos de vista sincrônicos ao momento histórico, o texto literário atua como denunciador da imprecisão dos dados divulgados pelo governo e da ação restritiva da polícia.

“A HESPANHOLA”

De manhã abro as gazetas

Nenhuma nota – que bola!

Limpo e relimpo as lunetas

Nada, nada de hespanhola...

A polícia nos socorre

Toda notícia degola

-Aqui, de vez, ninguém morre,

Foi p’ro xadrez, a hespanhola.

José da Gaita

(XAVIER, 2002, p. 25).

É interessante notar como a linguagem poética, uma particularidade do discurso literário para alguns historiadores, parece contaminar a fala do protagonista de um dos eixos narrativos da novela: o estuprador. O relato versificado da personagem atribui ao ato criminoso um lirismo, ao mesmo tempo, belo e assustador. “Os olhos costurados pela febre / loura linha / a mesma que tece seus cabelos” (XAVIER, 2002, p. 25). A incompatibilidade entre a ação e a linguagem parece refletir a constante disparidade entre fato e discurso presente nos modelos de registro histórico.

Ultrapassando os limites do universo textual labiríntico criado por Valêncio Xavier, consideremos agora a novela em sua completude e a sua importância como registro da história, uma vez que, como vimos, as barreiras conceituais e tipológicas levantadas pelos defensores do positivismo parecem cada vez mais translúcidas. Ao mencionarmos tal relevância, não nos referimos unicamente ao evidente valor da obra na representação de um momento histórico específico, mas também à problematização dos registros que visam interpretar tal período. Assim, cabe-nos ressaltar a contribuição do autor para as discussões entre literatos e historiadores promovidas ao longo de grande parte do século passado. *O mez da gripe* não analisa apenas os eventos de 1918, mas questiona o processo contínuo de escrita da história. Como afirma H. R. Jauss,

---

<sup>5</sup> Ildefonso Pereira Correia, filho do Barão do Serro Azul e artisticamente conhecido como Jeca Rabecão, foi um dos autores que participou da efervescência cultural em Curitiba no início do século passado. Nessa época, periódicos, como **O olho da rua**, abriam espaço para os jovens escritores paranaenses publicarem suas obras. Dentre eles, poderíamos citar Alberto Teixeira, João Baptista Carvalho, Augusto de Carvalho (Braz Patife) e Euclides Bandeira.

<sup>6</sup> Escritor curitibano, autor de obras como **Caderno de um grippado**, publicada em 1918 e **Eterno sonho**, publicada em 1919.

A historicidade da literatura revela-se justamente nos pontos de intersecção entre sincronia e diacronia. Deve, portanto, ser igualmente possível tornar apreensível o horizonte literário de determinado momento histórico sob a forma daquele sistema sincrônico com referência ao qual a literatura que emergiu simultaneamente pôde ser diacronicamente recebida segundo relações de não-simultaneidade, e a obra percebida como atual ou inatual, como em consonância com a moda, como ultrapassada ou perene, como avançada ou atrasada em relação a seu tempo (JAUSS, 1994, p. 49).

Além de seu valor intrínseco aparente como marca de seu tempo, a literatura exerceu, por meio de seu próprio caráter documental, um papel importante na reavaliação de parâmetros do estudo da história, os quais eram vistos como objetivos e incontestáveis. Yunes salienta que, a partir de reflexões propostas por textos e teóricos literários,

os historiadores puderam pensar numa história nova ou história das mentalidades que, por sua vez, fez esmaecer as fronteiras entre ficção e história, agora mais claramente percebidas como versões e não como invenções e fatos. Os relatos, dependentes do ponto de vista de quem conta, supõem uma interpretação, ou seja, uma leitura construída segundo certas preferências e associações e, por isso mesmo, são ficções – com âncoras documentais ou não. Trata-se de uma contaminação que materializa a crise de fronteiras disciplinares e dos gêneros. A literatura recuperou seu estatuto de contribuinte efetiva para falar da história dos homens, assim como esta ganhou condições de tratar a sério personagens da história, para trabalhar suas questões mais específicas (YUNES, 2002, p. 24).

Assim, os textos literários, dentre os quais podemos incluir a novela de Valêncio Xavier, participam do processo de reconhecimento e valorização da própria literatura como elemento constituinte, documental e analítico do fluxo do tempo. Portanto, a arte literária delinea sua importância não apenas como uma testemunha discursiva dos acontecimentos, mas também como agente formador de conceitos, modos de representação, padrões ideológicos e comportamentais que acabam por se inscrever na evolução das comunidades históricas.

O abismo entre literatura e história, entre o acontecimento estético e o histórico, faz-se superável quando a história da literatura não se limita simplesmente a, mais uma vez, descrever o processo da história geral conforme esse processo se delinea em suas obras, mas quando, no curso da evolução literária, ela revela aquela função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais (JAUSS, 1994, p. 56).

Finalmente, resta-nos discutir um último aspecto em *O mez da gripe*: o discurso autoral. Como afirmamos anteriormente, o gênero novelesco se caracteriza pela multiplicidade de fluxos narrativos interligados e submetidos a um enredo principal. A fragmentação resultante desse aspecto aliada aos diferentes modelos textuais, lingüísticos e discursivos utilizados por Valêncio Xavier pode, ocasionalmente, gerar a impressão equivocada de que a obra foi construída a partir da colagem aleatória de recortes e depoimentos. Entretanto, um exame mais minucioso evidencia uma organização estrutural bem definida e aponta para uma linha argumentativa própria.

Os textos são apresentados na forma de um diário com claras marcações de data e divididos em três capítulos correspondentes aos três últimos meses do ano de 1918. Assim, os núcleos narrativos se desenvolvem de forma coerente ao padrão cronológico estabelecido. A partir dessas características podemos apreender um olhar organizador dos múltiplos aspectos que envolvem o momento histórico. Como vimos, o processo de seleção subjetiva de elementos da realidade e a sua padronização em modelos de significação formam as bases da prática discursiva. Vincent Jouve afirma que “qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida” (JOUVE, 2002, p. 22).

Mas qual é o discurso construído ao longo da novela? Parece-nos que a pergunta mais adequada seria: quais são os discursos desconstruídos ao longo da novela? A grande ênfase, ao nosso ver, em *O mez da gripe* recai sobre a pluralidade interpretativa inerente a qualquer acontecimento histórico, a qual é sustentada pela variação tropológica na apreensão dos componentes do mundo experimental e representada pelas diferentes expressões discursivas sincrônicas. Conseqüentemente, conceitos tradicionalmente idealizados, como a noções de fato e verdade, são problematizados pela presença de registros essencialmente marcados por processos interpretativos subjetivos, formando um amplo grupo de documentos que se revelam discrepantes e, muitas vezes, antagônicos.

Dessa forma, o passado se apresenta como um enigma a ser desvendado pelo leitor durante a leitura da novela de Valêncio Xavier. Um enigma fugidivo que lhe é apenas delineado pela obra e que oferece múltiplas possibilidades de resposta. Se esse mistério possuir um núcleo que possa ser caracterizado como “a verdade”, ele só pode ser construído de maneira individual e subjetiva. E, assim, *os fatos e as verdades* permanecem em constante multiplicação.

## CONCLUSÃO

**A** guisa de conclusão, em *O mez da gripe*, Valêncio Xavier problematiza o discurso histórico oficial e relativiza a objetividade proclamada por determinados modelos textuais. Percebe-se ao longo da novela que tanto a historiografia e o jornalismo quanto a literatura e as narrativas orais são práticas discursivas fundamentadas em visões específicas de mundo, as quais não podem ser desvinculadas totalmente de um maior ou menor grau de subjetividade. O indivíduo encarregado da produção de qualquer um desses discursos não pode se isolar hermeticamente do objeto sobre o qual se debruça, uma vez que ele faz parte da realidade que busca analisar ou descrever.

A obra coloca em evidência esse comprometimento subjetivo que cerca todo discursivo ao reunir dentro do mesmo texto diferentes versões que se propõe a discutir o mesmo momento histórico. Esse procedimento acaba por criar um caleidoscópio interpretativo que desqualifica a busca de quimeras como “as verdades absolutas” ou “os fatos inegáveis”. Assim, a história perde o seu status dogmático e se fragmenta em múltiplas perspectivas analíticas que partem do mesmo ponto, mas que seguem caminhos distintos.

A metáfora do quebra-cabeça ou do labirinto parece servir adequadamente ao leitor da obra de Valêncio Xavier, quando aquele se vê encurralado pela questão: em qual dessas representações a verdade se esconde? A resposta é possivelmente tão simples quanto insatisfatória: em nenhuma delas e em todas elas. A historiografia, o jornalismo, a literatura, a propaganda, a estatística e a memória são construções discursivas que se dispõem a representar ou desvendar um determinado evento de acordo com suas características próprias, articulando ao longo do processo os seus próprios conceitos de verdade. Nesse sentido, o labirinto construído pela novela apresenta múltiplas saídas e o reconhecimento da validade e da fluidez de cada uma delas pode ser visto como o cerne do discurso inerente à obra.

---

## REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.
- HUXLEY, A. *A situação humana*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- JOUVE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- MATOS, M. I. Estudos de gênero: percurso e possibilidades na historiografia contemporânea. In: **Cadernos Pagu**, nº 11, 1998.
- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- VELHO, G. Memória, identidade e projeto. **Revista Tempo Brasileiro**, volume 95, pp. 119-126. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- WHITE, H. **Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: Edusp, 2001.
- XAVIER, V. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- YUNES, E. (org.) **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.